

BLACK SUN

A C O N V E R G Ê N C I A

Black Sun: a Convergência

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2020 REBECCA ROANHORSE

ISBN: 978-65-6099-094-4

Translated from original Black Sun. Copyright © 2020 by Rebecca Roanhorse. ISBN 9781534437678. This translation is published and sold by arrangement with the original publisher, Saga Press, an imprint of Simon & Schuster, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R63b

Roanhorse, Rebecca

Black Sun: a convergência / Rebecca Roanhorse /
tradução de Natalia Silva. — 1.ed. — Rio de Janeiro : Morro
Branco, 2026.

484 p.; il.; 13,7 x 21 cm.

ISBN 978-65-6099-094-4

1. Literatura fantástica. 2. Ficção norte-americana.
3. Mitologia. I. Título. II. Silva, Natalia.

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana contemporânea (813.6)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Natalia Silva

Copidesque: Nathalia Marques

Revisão: Rafael Surgek



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

ASSOCIADO



REBECCA ROANHORSE

AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

BLACK SUN

A C O N V E R G Ê N C I A

Tradução
Natalia Silva



MORROBRANCO
EDITORA

Amostra

*Para o garoto no Texas
que sempre sonhou com o épico.*

Amostra

TAMBÉM DE REBECCA ROANHORSE



THE SIXTH WORLD

Trail of Lightning

Storm of Locusts



Star Wars: A Resistência Renasce

Race to the Sun

Amostra

O POVO DO MERIDIANO

AS MONTANHAS OBREGI

Serapio — *O Deus Corvo Renascido*

Saaya — *Mãe de Serapio*

Marcal — *Pai de Serapio*

Paadeh — *Primeiro tutor de Serapio*

Eedi — *Segunda tutora de Serapio, uma lanceira*

Powageh — *Terceiro tutor de Serapio, uma Faca*

CIDADE DE QUECOLA

Xiala — *A capitã, marinheira, de origem Teek*

Callo — *Imediato, marinheiro*

Patu — *Cozinheiro, marinheiro*

Loob — *Marinheiro*

Baat — *Marinheiro*

Poloc — *Marinheiro*

Atan — *Marinheiro*

Balam — *Um lorde mercador*

Pech — *Um lorde mercador*

CIDADE DE TOVA

Os VIGIAS

Naranpa — *Sacerdotisa do Sol, Ordem dos Oráculos (hawaa)*

Iktan — *Sacerdote das Facas, Ordem das Facas (tsiyo)*

Abah – *Sacerdotisa do Amparo, Ordem da Sociedade da Cura*
(seegi)

Haisan – *Sacerdote dos Registros, Ordem da Sociedade Histórica*
(ta dissa)

Kiutue – *Ex-Sacerdote do Sol (falecido)*

Eche – *Dedicante, Ordem dos Oráculos*

Kwaya – *Dedicante, Ordem da Sociedade da Cura*

Deeya – *Uma criada*

Leaya – *Uma criada*

OS CLÁS DOS FORJADOS NO CÉU

Yatliza – *Matriarca, Corvo Carniceiro*

Okoa – *Filho de Yatliza, Corvo Carniceiro*

Esa – *Filha de Yatliza, Corvo Carniceiro*

Chaiya – *Capitã da Guarda, Corvo Carniceiro*

Maaka – *Líder dos Odohaa, Corvo Carniceiro*

Ashk – *Estribeiro, Corvo Carniceiro*

Feyoue – *Curandeira, Corvo Carniceiro*

Kutssah – *Um corvo gigante*

Benundah – *Um corvo gigante*

Paida – *Um corvo gigante*

Ieyoue – *Matriarca, Aranha d'Água*

Aishe – *Aranha d'Água*

Zash – *Aranha d'Água*

Tyode – *Aranha d'Água*

Paipai – *Uma aranha d'água gigante*

Nuuma – *Matriarca, Águia Dourada*

Peyanna – *Matriarca, Serpente Alada*

A TERRA SECA (SEM CLÁ)

Denauchi – *Irmão de Naranpa*

Akel – *Irmão de Naranpa*

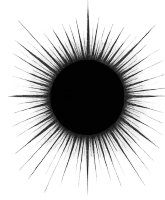
Jeyma – *Pai de Naranpa*

Zataya – *Uma feiticeira*

Amostra

“Você é o substituto, o lugar-tenente de Tloque Nahuaque,
o senhor do próximo e do distante.
Você é o assento [o trono de onde ele governa], você é
sua flauta [a boca pela qual ele fala],
ele fala dentro de você,
ele faz de você seus lábios, suas mandíbulas, seus ouvidos...
Ele também faz de você suas presas, suas garras,
pois você é sua fera selvagem, você é seu devorador de homens,
você é seu juiz.”

— *O Códice Florentino*, Livro VI, 42R



CAPÍTULO 1

AS MONTANHAS OBREGI
ANO 315 DO SOL
(10 ANOS ANTES DA CONVERGÊNCIA)

Ó Sol! Lanças sombra cruel
Carvão negro na carne, o tom das penas
Terá abandonado a piedade?

— *De Lamentações Coletadas da Noite das Facas*



Hoje ele se tornaria um deus. Sua mãe lhe dissera.

— Beba isto — ordenou ela, entregando-lhe uma taça longilínea cheia de um líquido cremoso e pálido.

Ao aspirar o aroma, reconheceu as flores de laranjeira que cresciam em trepadeiras serpenteantes fora de sua janela, aquelas com centros melíferos. Mas também detectou o doce terroso das flores campanuladas que ela cultivava no jardim do pátio, aquele onde lhe era proibido brincar. E soube que havia mistérios indetectáveis naquela bebida: ingredientes secretos da bolsinha que sua mãe usava ao pescoço, substâncias que embranqueciam as pontas de seus dedos e sua própria língua.

— Beba agora, Serapio — disse ela, pousando brevemente a mão em seu rosto. — É melhor gelado. E coloquei mais mel desta vez, para que consiga reter melhor.

Ele corou, envergonhado pela menção ao seu vômito de antes. Ela o alertara para engolir a dose matinal rapidamente, mas ele hesitara, bebendo em goles pequenos, e acabara por regurgitar parte do líquido num vômito leitoso. Desta vez, estava determinado a provar seu valor, a ser mais que um simples garoto tímido.

Segurou o copo entre mãos trêmulas e, sob o olhar vigilante da mãe, levou-o aos lábios. A bebida estava amargamente gelada e, como prometido, muito mais doce que a porção da manhã.

— Tudo — advertiu-a quando sua garganta se contraiu e ele começou a baixar o recipiente. — Ou não bastará para entorpecer a dor.

Forçou-se a engolir, inclinando a cabeça para trás até esvaziar o copo. Seu estômago se revirou, mas ele se conteve. Dez segundos. Mais dez. Então devolveu o copo vazio com ar triunfante.

— Meu pequeno deus valente — murmurou ela, os lábios curvando-se num sorriso que o fez sentir-se abençoado.

Ela posicionou o copo na mesa próxima, junto aos cordões de algodão que usaria para amarrá-lo depois. Os olhos dele pousaram nas cordas, depois na agulha de osso e no fio de tripa ao lado. Aquilo também seria usado nele.

O suor umedeceu-lhe a testa, colando os cachos escuros à pele, apesar do frio que dominava o aposento. Era corajoso, tanto quanto qualquer menino de doze anos poderia ser, mas a visão da agulha o fez desejar que o veneno entorpecedor agisse rápido.

A mãe percebeu sua preocupação e acariciou seu ombro com ternura.

— Você honra nossos ancestrais, meu filho. Agora... sorria para mim.

Ele obedeceu, expondo os dentes. A mãe pegou uma pequena tigela de barro e mergulhou um dedo, que saiu vermelho. Fez um gesto para que se aproximasse. O menino se inclinou, permitindo que ela esfregasse o pigmento em seus dentes. O sabor era neutro, mas sua mente não conseguia esquecer os insetos que a vira triturar no leite de nozes para fazer a tinta. Uma gota, como sangue, caiu no colo dela, que franziu a testa e esfregou-a com a palma da mão.

Vestia uma túnica preta simples que deixava seus braços fortes e escuros à mostra, a barra longa o suficiente para roçar o chão de pedra. Seus cabelos pretos até a cintura caíam soltos pelas costas. Ao pescoço, um colar de penas de corvo escuras como a

meia-noite, com as pontas tingidas de um vermelho tão intenso quanto a tinta em seus dentes.

— Seu pai pensou que poderia me proibir de usar isto — disse ela com aparente calma, mas o menino ouviu o fio de dor em sua voz, as rachaduras deixadas pela privação e pela tristeza. — Mas ele não entende que este é o caminho dos meus ancestrais, e dos ancestrais deles antes de mim. Não pode impedir uma mulher Corvo Carniceiro de vestir-se para honrar o deus corvo, especialmente em um dia tão sagrado quanto hoje.

— Ele tem medo disso — disse o menino, as palavras escapando-lhe sem pensar. Devia ser o veneno soltando sua língua. Nunca teria tido tal ousadia em outras circunstâncias.

Sua mãe o encarou, visivelmente surpresa com sua perspicácia, e então deu de ombros.

— Talvez — concordou. — Os Obregi temem muitas coisas que não compreendem. Agora, fique quieto até eu terminar.

Ela trabalhou com rapidez, tingindo seus dentes de um carmim profundo até que parecesse ter a boca cheia de sangue. Sorriu. Seus próprios dentes estavam igualmente vermelhos. *O pai tinha razão em temê-la assim*, pensou o menino. Ela parecia feroz, poderosa. A serva de um deus.

— Como estão suas costas? — perguntou ela, devolvendo a tigela de pigmento à mesa.

— Bem — mentiu ele.

Ela havia gravado o *haahan* em suas costas ainda ao amanhecer. Despertara-o da cama, dera-lhe o primeiro copo do veneno entorpecedor e anunciara que era hora. Ele se deitara de bruços obedientemente, e ela começara.

Usou um tipo especial de lâmina que ele nunca vira, fina, delicada e extremamente afiada. Falara enquanto trabalhava,

explicando que, se estivesse entre o clã, um tio ou primo querido teria gravado seu *haahan* ao longo de meses, ou anos. Mas o tempo esgotara-se e cabia a ela fazê-lo hoje. Contara-lhe histórias do grande deus corvo, enquanto gravava linhas curvas — o esboço de asas de corvo — em seus ombros e músculos laterais. Ardera como colocar a mão no fogo, talvez porque não ingerira a dose completa. Mas ele suportara a dor com somente um gemido. Depois, ela o fizera se sentar e gravara um crânio de corvo na base de sua garganta, o bico estendendo-se pelo peito como um pingente em sua pele. A dor foi dez vezes pior que a das asas, e o único motivo para não gritar foi o medo de que ela cortasse sua garganta se ele se movesse bruscamente. Sabia que o povo de sua mãe marcava a pele como símbolo de luto perpétuo pelo que fora perdido, e orgulhava-se de carregar o *haahan*, mas ainda assim lágrimas escorreram por seu rosto.

Quando terminou, ela observou seu trabalho com um olhar crítico.

— Agora eles o reconhecerão quando voltar para casa, mesmo que pareça Obregi demais.

As palavras cortaram como lâmina, especialmente vindo dela, justo enquanto o marcava. Não que não estivesse acostumado, as outras crianças sempre zombavam por ele não parecer suficientemente isto ou aquilo demais.

— Ser Obregi é ruim? — ousou perguntar, o veneno ainda tornando sua língua audaciosa.

Obregi era o único lar que conhecera. Sempre soubera que sua mãe era a estrangeira ali; ela vinha de uma cidade distante chamada Tova, pertencente a um povo que se chamava Corvo Carniceiro. Mas seu pai era Obregi e um lorde. Esta era a casa ancestral onde viviam, estas eram as terras de sua família que os

trabalhadores cultivavam. Até seu nome era Obregi. Herdara os cachos e o rosto levemente mais pálido do povo paterno, embora seus olhos estreitos, boca larga e maçãs do rosto salientes fossem traços da mãe.

— Não, filho — corrigiu ela suavemente — Esta vida, este lugar... — Seu gesto abarcou as paredes de pedra fria, os ricos tapetes que as adornavam, a vista das montanhas nevadas lá fora, toda a nação Obregi — Tudo foi para te manter protegido até poder voltar para Tova.

Protegido de quê? Ele quis perguntar, mas em vez disso perguntou:

— Quando será isso?

Ela suspirou e apoiou as mãos sobre as coxas.

— Não sou uma Vigia da torre celestial — admitiu, e balançou a cabeça. — Mas sinto que não tardará agora.

— Um mês? Um ano? — insistiu ele, sabendo que “*não tardará*” podia significar qualquer coisa.

— Não fomos esquecidos — assegurou ela, seu rosto se suavizando ao afastar um cacho rebelde da testa dele. Seus olhos escuros transbordavam um amor tão denso que lhe aquecia até a medula. Ela podia parecer assustadora para seu pai, mas para ele sempre fora a mais bela visão.

As sombras alongaram-se no chão de pedra. Ela se virou quando a luz da tarde adquiriu um tom estranho.

— É hora. — Ela se levantou com o rosto incendiado por propósito, estendendo a mão: — Está pronto?

Já era velho demais para mãos dadas, mas o temor do que viria falou mais alto, e ele entrelaçou os dedos aos dela com força, buscando conforto. Ela o guiou até o terraço, onde o vento crepuscular castigou sua pele desprotegida.

A paisagem era um banquete para os olhos. Dali avistavam o vale, ainda tingido com os dourados e carmesins do outono tardio. Para além, as montanhas serrilhadas erguiam-se sob mantos de gelo eterno. Ele passara incontáveis tardes ali, observando os gaviões circundarem a aldeia à beira do vale, atirando seixos do parapeito só para vê-los esfacelarem-se em pó nos penhascos abaixo. Este era seu lugar de memórias queridas, de bons pensamentos.

— Tão nublado — resmungou a mãe, com os dedos ainda entrelaçados aos dele. — Mas veja, já muda enquanto nos preparamos.

Seus dentes ensanguentados brilharam num sorriso.

Ela estava certa. O céu clareou para revelar um sol esfarrapado, curvado como uma bola aquosa e pálida sobre as montanhas. E ao seu lado, uma escuridão avançava.

Os olhos do menino arregalaram-se de alarme. A mãe lhe dissera que o deus corvo viria hoje, mas ele não havia imaginado o horror de sua aparição.

— Olhe para o sol, Serapio — solicitou ela, a voz ofegante. — Preciso que você olhe para o sol.

Ele obedeceu e observou, com um terror crescente, enquanto o astro começava a desaparecer.

— Mãe? — chamou, alarmado, odiando como sua voz soava aguda e assustada.

— Não desvie o olhar! — advertiu ela.

Ele não desviaria. Suportara a faca e o veneno dela, e suportaria as agulhas em breve também. Poderia dominar o sol.

Mas seus olhos começaram a arder e lacrimejar.

— Firme — murmurou ela, apertando sua mão.

A dor nos olhos era insuportável, mas sua mãe puxou a pele delicada de suas pálpebras com as unhas para mantê-las abertas. Ele gritou quando ela arranhou seu globo ocular, e o instinto, mais que a vontade, fez seu corpo se contorcer. Ela o apertou com força, seus braços como um torno, os dedos cravados em seu maxilar.

— Você deve olhar! — gritou ela.

E ele olhou, enquanto o deus corvo devorava o sol.

Quando tudo o que restava era um anel de fogo trêmulo e alaranjado em torno de um abismo de escuridão, sua mãe o soltou.

Ele esfregou os olhos ardentes, mas ela afastou suas mãos com um tapa.

— Você foi tão corajoso — disse ela. — Não deve temer agora.

Uma pontada de pânico borbulhou em sua espinha ao imaginar o que viria a seguir. A mãe parecia não notar.

— Rápido agora — ordenou ela, conduzindo-o de volta para dentro —, enquanto o deus corvo mantém seu domínio sobre o mundo.

Forçou-o a se sentar na cadeira de encosto alto. Seus membros pesavam e sua cabeça girava, sem dúvida pelos efeitos do veneno. O pânico que tentava emergir morreu num gemido baixo e aterrorizado.

Ela amarrou seus pés às pernas da cadeira, enrolando as cordas em seu corpo até o imobilizar. A corda ardia onde os *haaban* ainda estavam em carne viva.

— Mantenha os olhos fechados — advertiu ela.

Ele obedeceu e, momentos depois, sentiu algo úmido pressionando suas pestanas. Era frio e anestesiou sua pele.

Suas pálpebras tornaram-se tão pesadas que ele duvidou poder reabri-las.

— Ouça-me — sussurrou a mãe. — Os olhos humanos mentem. Você deve aprender a ver o mundo para além deste órgão falho.

— Mas como?

— Você aprenderá e isto ajudará. — Ele sentiu algo sendo deslizado em seu bolso. Era um saquinho como o que ela usava no pescoço. Conseguiu tocá-lo se mexesse os dedos, sentindo o pó fino dentro. — Esconda isto. Use somente quando necessário.

— Como saberei quando é necessário? — perguntou, ansioso. Não queria decepcioná-la.

— Você saberá, Serapio — respondeu ela, a voz doce, mas inflexível. — E quando souber, deve voltar para Tova. Lá, reabrirá os olhos e se tornará um deus. Entende?

Ele não entendia, não de verdade, mas concordou mesmo assim.

— Você virá comigo? — perguntou ele.

O suspiro entrecortado dela o assustou mais que tudo naquele dia.

— Mãe?

— Silêncio, Serapio. Você pergunta demais. O silêncio será seu maior aliado agora.

A agulha perfurou sua pálpebra, mas ele mal a sentiu. Percebia os pontos selando seus olhos, o puxão da linha através da pele. O pânico que falhara em surgir antes agora crescia, fazendo-o se contorcer na cadeira, reabrindo as feridas em suas costas. Mas as cordas o prendiam e as drogas mantinham seus músculos inertes.

Uma batida repentina à porta fez ambos se sobressaltarem.

— Abra a porta! — trovejou uma voz, tão forte que pareceu sacudir as paredes. — Se tocou no menino, juro que cortarei sua cabeça!

Era seu pai. O menino pensou em gritar, em dizer que estava bem. Que a vontade do deus corvo devia ser cumprida, que ele queria isso, que sua mãe jamais o machucaria.

Ela ignorou as ameaças, concentrada em seu trabalho.

— Quase terminando.

— Saaya, por favor! — suplicou o pai, a voz falhando.

— Ele está chorando? — perguntou o menino, preocupado.

— Shhhh.. — O canto de seu olho esquerdo apertou-se quando ela fechou o nó final.

Os lábios dela tocaram sua testa por um instante, enquanto seus dedos afagavam seus cabelos.

— Uma criança em terra estrangeira, para um homem estrangeiro — murmurou ela, e Serapio soube que falava consigo mesma. — Fiz tudo o que era necessário. Até isto.

Até isto, ele sabia que era tudo pelo que passara hoje. E pela primeira vez, uma pontada de dúvida surgiu dentro dele.

— Quem, mãe? Quem pediu que você fizesse isso? — Ainda havia tanto que ele não entendia, tanto que ela não lhe contara.

Ela pigarreou, e ele sentiu o ar mudar quando sua mãe se levantou.

— Preciso ir agora, Serapio. Você deve seguir em frente, mas chegou minha hora de me juntar aos ancestrais.

— Não me deixe!

Ela inclinou-se e sussurrou em seu ouvido. Um nome secreto. Seu verdadeiro nome. Ele estremeceu.